

Brizola é oficializado. E Lyra é seu vice.

Caó, que queria disputar em plenário, renunciou e aceitou Lyra. Brizola, enfim homologado, apresentou-se como "continuidade da História brasileira".

Faltavam mais de doze horas para o início da convenção nacional do PDT e os delegados do partido ainda dormiam em Brasília, quando Leonel Brizola reuniu um grupo restrito da executiva nacional, às 2h30 da madrugada de domingo, e anunciou que Fernando Lyra seria o vice de sua chapa à sucessão. A festa que homologou a dupla só começou às 16 horas, na Câmara dos Deputados, quando houve algum ensaio de insatisfação com o nome do vice — mas àquela altura Brizola já estava surdo a nomes de última hora. Candidato oficializado, ele preferiu não perder tempo e foi logo instruindo os mais de três mil delegados pedetistas presentes ao plenário a sair pelo interior do País em busca de novos militantes.

"Em muitos municípios nós não temos sequer uma comissão provisória", alertou ele. E chegou a citar o atual presidente do PDT, Doutel de Andrade, e o deputado César Maia como responsáveis pela ampliação do partido. "Vocês podem ligar a cobrar para estes companheiros", recomendou Brizola. "Digam que adesões estão conseguindo e que dificuldades estão enfrentando." Chegou mesmo a ser didático e ensinou até que tipo de argumentos utilizar na campanha de ampliação de militantes, na tentativa de fazer com que o PDT se organize nos quatro mil municípios brasileiros, já que até agora mal conseguiu chegar à metade. "Contem que Brizola é contra tudo isso que está aí. Isto é suficiente", instruiu ele.

À reunião da madrugada, quando Brizola praticamente impôs seu vice, não participaram nem Fernando Lyra, nem Carlos Alberto Caó, que pretendia disputar em plenário a indicação. Foi uma medida estratégica, para evitar críticas e constrangimentos. No sábado à tarde, Caó prometia enfrentar o plenário, mas isso foi antes da chegada de Brizola a Brasília, quando então o ex-governador se encarregou de retirar o pretendente do páreo.

Em uma reunião com o Movimento Negro do PDT, na noite de sábado, Brizola argumentou que a candidatura de Caó estava sendo proposta "muito em cima da hora". "Se vocês tivessem lançado seu nome antes, talvez agora a situação fosse outra", disse. "Faltou organização a vocês."

Apesar da crítica, Brizola foi aplaudido, e respondeu evidenciando a participação do Movimento Negro, pregou a organização partidária e deixou a sala com um problema a menos. Às 16 horas, de domingo, quando a festa da homologação esquentava, Caó não teve outra saída senão oficializar sua desistência com um discurso antes de ser iniciada a votação.

Às 3h da manhã de domingo, Fernando Lyra foi informado de sua indicação. Conversou a sós com Brizola no saguão do Hotel Nacional e foi imediatamente comemorar com a família — afinal, em pouco mais de um ano no PDT, surpreendeu os rivais dentro do partido e passou a acumular o trabalho de coordenador nacional da campanha com a função de vice de Brizola, e com a autoridade de quem já foi cinco vezes deputado federal e ex-ministro do governo Sarney, embora indicado por Trancredo Neves.

E foi a Fernando Lyra que coube a missão de subir à tribuna da Câmara, ontem, para colocar ao redor do pescoço de Brizola o tradicional lenço vermelho dos gaúchos, símbolos dos "maragatos", que lutaram contra os republicanos "chimanços". Às 17h30, Doutel de Andrade, que dirigia os trabalhos, oficializou a chapa, embora desrespeitando as normas partidárias: não comunicou aos presentes o número de votos obtidos por Brizola e Lyra entre os convencionais do PDT.

E Brizola, então, assumiu, formalmente o papel de candidato com um discurso em que se auto-intitulou como "continuidade da História brasileira e do trabalho". "Esta sucessão presidencial não é de rotina", disse. "Com ela morre uma época", acrescentou, referindo-se ao período da ditadura militar. "Cumpru que haja neste País uma mudança. Este modelo econômico que está aí não tem reforma. É preciso mudá-lo."

Apesar de a coligação PDT-PTB não ter prosperado depois de algumas semanas de conversação, dois líderes petebistas não resistiram e foram à convenção do partido para oferecer seus apoios, ainda que individuais, a Brizola: os ex-governadores Gonzaga Motta, do Ceará, e Roberto Magalhães, de Pernambuco.

No plenário, encontrava-se ainda



Brizola festeja com Lyra: a chapa está completa.

Luís Carlos Prestes, o mais histórico dos comunistas brasileiros. Ele também estava ali para dar seu apoio ao candidato do PDT. "Comunista, luto pelo socialismo", disse, "mas nas condições do nosso País ele não é viável ainda". Prestes terminou seu discurso sob aplausos: "Leonel Brizola é a única personalidade que pode unir a Nação brasileira".

Apesar de algum descontentamento entre os delegados por causa da escolha ter recaído sobre Fernando Lyra, os dirigentes pedetistas tentavam amenizar os "defeitos" do vice. "O PDT tem muitos nomes bons", insistiam ainda os partidários de Carlos Alberto Caó. Tapinhas nas costas,

as reclamações ganhavam como resposta a única providência que os partidários deviam ter em mente: reunir o máximo de militantes que conseguirem.

Assim, sem disputas aparentes em plenário para a definição dos candidatos a presidente e vice, a convenção nacional do PDT serviu ontem apenas como demonstração de força do partido na busca do avanço da campanha de Brizola contra seu até agora maior adversário, segundo as pesquisas de intenção de voto: Fernando Collor de Mello, do PRN, contra o qual os brizolistas preparam um dossiê com informações, que, imaginam, possam render votos ao PDT.